

"ARTES PLASTICAS"

A seção especializada do Diario de Noticias (do Rio) acaba de publicar, em sua edição do dia 15 de fevereiro, um artigo assinado por Ferreira Gullar, em resposta a um artigo publicado em "O Estado de S. Paulo". Transcrevo aqui na integra o dito artigo porque talvez o sr. Julio Mesquita, diretor de "O Estado de S. Paulo", não o tenha lido ainda. Aliás, a meu ver, deveria êle dar maior atenção a critica de pintura de seu matutino, em bora sua importancia economico-politica não esteja à altura das outras seções, pois vai ela ao sabor do maior abandono.

"TACHISMO NA CRITICA

Se na pintura brasileira, por felicidade, o tachismo é raro e não floresce, na critica encontra êle (parece) clima mais propicio. Pelo menos êsse é o caso do critico de "O Estado de S. Paulo" que, partindo um artigo nosso, aparecido nesta mesma seção ("Nós e o tachismo") chegou a conclusões absurdas, mas bastante comodas para negar o que afirmamos. Em fim procurou confundir as coisas e, na confusão, inventou o que não dissemos. Como bom tachista, o critico não diz claro o que pensa, bara lha algumas hipóteses, sugere coisas maliciosas, e conclui a tribuindo-nos a tendencia para uma uniformidade totalitária. "A resposta cabal a essa sugestão já está pronta: é o manifesto neoconcreto (de que sou um dos signatários) a ser publicado no principio de março. Por ora, limpemos os borrões que o critico paulista lançou sobre nosso pequeno artigo.

Para dar a impressão de que se mantem fiel ao nosso pensamento, o critico (artigo publicado no dia 31-1-59) cita varios trechos de nosso trabalho, mas deixa de citar exatamente o que desfaria a sua tese tachista: "não se trata aqui de estabelecer uma lei inflexível, segundo a qual é impossivel fazer-se tachismo no Brasil". Ora, se assim, não tem cabimento esta afirmação do critico paulista: "Sofia Tauber-Arp não precisou viver no Brasil para procurar constantes geométricas". Quem afirmou que o Brasil é o unico lugar do mundo onde se pode fazer arte concreta? Quem afirmou que a arte concreta só pode ser feita em países que tenham as características identicas às do Brasil? Esse determinismo naturalista fica por conta do ilustre critico. E mais, está dito, com todas as letras, em nosso artigo, que não nos propunhamos erguer uma tese, mas encontrar explicação para uma situação de fato. É ou não um fato que o tachismo não floresceu no Brasil? É ou não um fato que a arte concreta constituiu um fenomeno inegavel da pintura brasileira? Então pergunto: por que? Pode o ilustre critico discordar de minha tentativa de explicação, mas tampouco negará que o sentido da construção e da simplificação estrutural é uma constante da arte brasileira.

Chamo, por fim, a atenção do critico paulista para não confundir a "arte concreta" com a definição que dela dá por exemplo, o grupo de pintores paulistas dessa tendencia. A minha posição, pelo menos, é bem clara e se me oponho ao tachismo é por considera-lo uma demissão em face do ato criador. Não confundo tachismo com expressismo nem mesmo com o grafismo de um Hartung, de Tobey ou com os signos poderosos de Soulage. Quando à afirmação de que "não houve jamais ordem e equilibrio na arte figurativa" — que o critico paulista pretende subrepticamente me emprestar — é outra invenção sua. Jamais escrevi ouvi ou li isso em qualquer parte. Talvez seja porque não tenha tempo para ler bobagem."

4/3/1959
"CRITICA DE SÃO PAULO" 25/2
EM MARANGAPÉ